



Em tempos de mudança climática, precisamos de altruísmo

São muitas as vozes que têm falado da necessidade de uma nova visão do mundo, que nos permita afastar do paradigma mecânico, utilitário e centrado no ser humano que caracteriza a modernidade, e caminhar em direção a uma sociedade renovada. Esta mudança requer, obviamente, uma perspectiva ecológica e evolutiva em relação à vida, uma consciência da Terra como um planeta vivo, e uma reestruturação das instituições, sobretudo da economia, que faça jus a essa visão.

Cientistas que estudam os sistemas da Terra, cosmólogos, poetas da natureza, líderes religiosos e especialistas em ética, todos começam a ver a Terra como um sistema vivo vulnerável, interconectado e interdependente. É um facto que, enquanto seres humanos, fazemos parte da natureza e dependemos da vitalidade dos sistemas ecológicos para assegurar o nosso bem-estar. Assim sendo, os cientistas e os praticantes das diversas

tradições espirituais estão cada vez mais conscientes de que a Terra é uma comunidade de seres que merecem o nosso respeito e cuidado.

Dado que o rápido crescimento económico tem sido acompanhado por uma deterioração ambiental e social, até mesmo os governos com abordagens mais conservadoras reconhecem que “é preciso efetuar uma mudança real,” que “não é possível continuar a gerir a situação da mesma forma,” e que temos de redefinir os objetivos do nosso desenvolvimento.

O desenvolvimento económico e pessoal, e a evolução em geral, não têm a ver com dominação e lucros económicos a curto prazo, que implicam a aquisição, o consumo e o controlo de cada vez mais bens e serviços. Têm antes a ver com a construção de condições e competências essenciais para um desenvolvimento humano pleno, no seio de uma comunidade terrena próspera.

Parafraseando a Carta da Terra, uma vez as nossas necessidades básicas satisfeitas, o desenvolvimento deve concentrar-se em *sermos mais* e não em *termos mais*. Uma mudança real requer a reorientação dos nossos objetivos de desenvolvimento para o crescimento psicológico e espiritual, e um modo de vida sustentável. Essa mudança convencerá as pessoas que têm mais recursos a partilhá-los com as pessoas que nem sequer conseguem ver as suas necessidades básicas satisfeitas.

O desafio recente do Papa Francisco, a encíclica *Laudato Si*, é um apelo a todos nós para que entendamos a magnitude do desafio que enfrentamos, e para que abracemos o imperativo moral que implica reorientar não só os nossos corações e mentes, mas também as nossas políticas económicas e sociais, a fim de criarmos um mundo que funcione para todos. O Papa apelida este imperativo de *ecologia integral*, um conceito que “integra questões de justiça nos debates sobre o ambiente, para que possamos ouvir o grito da terra e o grito dos pobres.”

São três as mudanças que *Laudato Si* nos desafia a fazer:

- ♦ Abandonar o nosso egocentrismo limitado e trabalhar para uma ecologia integral, centrada no bem comum e na interconexão e dignidade de todas as formas de vida.
- ♦ Lutar por uma ordem social justa e igualitária, baseada num tipo de desenvolvimento que substitui o crescimento económico e os lucros a curto prazo por medidas mais abrangentes, relativas ao bem-estar pessoal e planetário.
- ♦ Trabalhar para uma verdadeira cooperação, baseada numa ética global e partilhada.